

China: problemas emergentes e medidas para orientar a opinião pública e combater a dissidência

China: emerging problems and measures to guide public opinion and fight dissent

GIUSEPPE RICHERI*

Università della Svizzera Italiana. Lugano, Suíça

RESUMO

O artigo destaca alguns aspectos significativos da realidade contemporânea na sociedade chinesa, marcada por uma rápida transformação econômica e cultural. Discute como tem se dado a formação de uma opinião pública independente do poder institucional, cada vez mais fragmentada, heterogênea e, em alguns casos, crítica às escolhas do regime. A diversidade opinativa é favorecida pela internet. Mas esse meio é também pensado pelo Estado chinês, a partir de iniciativas como o chamado Sistema de Crédito Social, como instrumento para fortalecer a confiança e a coesão social, reduzindo os riscos de desestabilização à liderança do Partido Comunista.

Palavras-chave: China, opinião pública, política, internet, Sistema de Crédito Social

ABSTRACT

This article highlights significant aspects of the contemporary reality in Chinese society, characterized by fast economic and cultural changes. It discusses how has the formation of a public opinion independent from institutional power occurred, increasingly more fragmented, heterogenous, and sometimes critical to the choices made by the regime. The diversity of opinions is favored by the internet. But this mean is also considered by the Chinese State, in initiatives such as the Social Credit System, a tool to strengthen trust and social cohesion, reducing destabilization risks for the leadership of the Communist Party.

Keywords: China, public opinion, politics, internet, Social Credit System

* Professor emérito de Comunicação na Università della Svizzera Italiana (Suíça) e presidente do China Media Observatory dessa Universidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2269-5136>. E-mail: giuseppe.richeri@usi.ch

INTRODUÇÃO

A TRAJETÓRIA DA CHINA pós-maoísta se caracteriza por fases alternadas de abertura e fechamento em relação ao mundo ocidental e, ao mesmo tempo, de abertura e fechamento político e cultural em suas fronteiras. Aqui não é o caso de entrar no mérito das causas que levaram às várias mudanças, também porque são eventos amplamente analisados por outros e, portanto, provavelmente já conhecidos, pelo menos em suas linhas gerais. Será suficiente lembrar apenas os principais pontos de inflexão no caminho que conduziu à atual fase, representada pela presidência de Xi Jinping.

No final dos anos 1970, as reformas de Deng Xiaoping desencadearam um processo de desenvolvimento econômico acelerado e criaram as condições para uma abertura significativa da sociedade chinesa. No final dos anos 1980, após a *Revolta de Tian'anmen* (junho de 1989), assistiu-se ao início de uma fase de fechamento, sentida em parte da década seguinte, particularmente em termos do controle político e cultural. No início dos anos 2000, com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), teve início um novo período de abertura, muito mais profundo que o anterior, no qual o país teve que aprender a se confrontar diretamente com os principais protagonistas da economia mundial, seus produtos, sua cultura e seus estilos de vida. Essa fase iniciou-se lentamente, dadas as grandes mudanças impostas à China pelos acordos da OMC, tanto que em várias ocasiões o país foi denunciado por não ter respeitado os compromissos assumidos. Um caso emblemático que pode servir de exemplo é a disputa pela não abertura do mercado chinês (acordada em 2001) aos produtos da indústria estrangeira de música e cinema; uma disputa que só terminou parcialmente em 2011 (Richeri, 2013).

Neste artigo, pretendemos destacar alguns aspectos significativos da ação que a atual liderança chinesa guiada por Xi Jinping – Secretário Geral do Partido Comunista Chinês desde novembro de 2012 e Presidente da República Popular a partir de março de 2013 – desenvolveu para fortalecer o governo e o papel do Partido Comunista em guiar o país em face da rápida transformação econômica e cultural da sociedade chinesa. Essa ação, de acordo com muitos observadores ocidentais, constitui o início de uma nova fase de fechamento com relação a países estrangeiros e maior controle cultural e político dentro do país.

DIFICULDADES CRESCENTES EM VÁRIAS FRENTES

Nos últimos anos, a liderança chinesa teve que enfrentar várias dificuldades tanto interna quanto internacionalmente. Algumas delas são analisadas

com alguma atenção pela mídia ocidental: em particular os eventos relativos à economia e às relações internacionais.

No primeiro caso, a desaceleração das exportações e das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto o desemprego cresceu e a dívida pública atingiu um nível crítico, especialmente a dos governos locais. Esses são alguns dos principais problemas na frente interna, e a manutenção da estrutura política institucional do país reside nesse campo. O aumento do bem-estar e sua disseminação por toda a China, mesmo que de maneiras muito desiguais, constituem, na verdade, o cerne do apoio à liderança do Partido Comunista, que grande parte dos chineses ainda mantém.

No que diz respeito às relações internacionais, às crescentes tensões no Mar do Sul da China e no caso do apoio dos países ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, ao governo da ilha chinesa de Taiwan, foram adicionadas, nos últimos anos, a guerra comercial com a administração Trump, à qual outros países aderiram. Além disso, a extensa campanha lançada em 2017 na mídia ocidental em defesa dos direitos humanos dos uigures, a população religiosa muçulmana que vive em Xinjiang (Castet, 2019), dificulta o grande esforço do governo chinês para aumentar seu *soft power* em escala global. Além disso, as primeiras dificuldades e revisões dos acordos de alguns países que aderiram ao projeto *Nova Rota da Seda* (Hard-Landsberg, 2018) estão surgindo. A iniciativa estratégica de longo prazo deve envolver mais de sessenta países da Ásia, África e Europa na construção de grandes infraestruturas destinadas a fortalecer os fluxos comerciais entre a China e seus parceiros. Essas primeiras dificuldades também provocaram dúvidas e críticas nas fileiras do próprio Partido Comunista Chinês (Devonshire-Ellis, 2018).

Na frente doméstica, outros problemas também ganharam vulto. Em particular, a formação de uma opinião pública independente do poder institucional, cada vez mais fragmentada, heterogênea e em alguns casos crítica das escolhas do regime político (Negro, 2017). A presença de grupos *dissidentes* e as próprias lutas na República Popular da China não é novidade; basta lembrar que, mesmo dentro do Partido Comunista, sempre houve conflitos entre as linhas políticas que refletiam não apenas lutas de poder entre os líderes, mas também diferentes perspectivas e interesses presentes na sociedade. O exemplo mais conhecido é o do grupo que dirigiu a *revolução cultural* sob a batuta ou concordância de Mao Tsé-Tung e que, após sua morte, foi chamado de *a gangue dos quatro*, sendo o grupo acusado, julgado e condenado. Nos anos seguintes, os casos conhecidos no Ocidente foram, sobretudo, os que levaram aos acontecimentos da Praça da Paz Celestial e, recentemente, em 2012, ao julgamento e sentença de Bo Xilai, líder da atual corrente *neomaoísta*, governador de Chongqing, um dos quatro

D

China: problemas emergentes

municípios autônomos com 33 milhões de habitantes. Esses eventos representaram a ponta do iceberg de um mal-estar mais profundo que agitou uma parte não marginal do país (Lam, 2012).

A formação de uma opinião pública viva e variada, que demonstrou em várias ocasiões ser capaz de se distanciar das escolhas e comportamentos da liderança política e institucional, é agora vista como um problema a ser reprimido. Por um lado, pretende-se promover uma batalha ideológica capaz de guiar até mesmo as gerações mais jovens e de contrabalançar os valores da democracia ocidental, mas, por outro lado, novas ferramentas são desenvolvidas para controlar e censurar a mídia, em particular o que acontece na *web*.

A situação amadureceu a partir de vários fatores, principalmente pelo desenvolvimento econômico acelerado, que mudou substancialmente a sociedade chinesa, favorecendo o desenvolvimento de classes sociais que diferem em nível de renda, acesso a serviços públicos, oportunidades e perspectivas.

À constante melhoria no consumo material somaram-se certos fenômenos no nível cultural, contribuindo para mudar a visão de mundo de muitos chineses, seus interesses, desejos e perspectivas. Entre esses, o sistema de ensino básico e superior cada vez mais difundido, o grande número de jovens que estudaram em universidades dos Estados Unidos e europeias, o turismo que levou dezenas de milhões de chineses ao redor do mundo e, não menos importante, o fluxo de produtos culturais ocidentais (música, televisão, cinema, imprensa periódica e moda) que promoveram na China valores, modelos de sociedade e estilos de vida diferentes daqueles propostos pelo *socialismo com características chinesas*. Um caso exemplar é o da difusão, sucesso de público e de receitas que os filmes de Hollywood vêm obtendo há mais de dez anos na China (Richeri, 2016).

A FRAGMENTAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA

Vimos que a crescente formação e peso da opinião pública na China dependem das mudanças econômicas, culturais e sociais que o país experimentou nas últimas décadas. No entanto, o papel de disseminação da internet também deve ser destacado, sendo agora acessada regularmente por mais de 800 milhões de chineses. A internet torna conhecidas, dá visibilidade e permite o confronto de diferentes ideias amadurecidas em vários setores da sociedade, ideias muitas vezes não homogêneas e que são, por vezes, claramente críticas em relação aos pontos de vista e iniciativas oficiais. Desde a década de 1990, o Estado chinês tem favorecido o desenvolvimento da internet, considerado um vetor decisivo para a modernização e o crescimento da economia do país; no entanto, subestimou o papel que a rede também poderia desempenhar na circulação de

informações, ideias e laços sociais entre pessoas que têm formado opiniões para compartilhar (Richeri, 2018).

Apesar do desenvolvimento de várias ferramentas para orientar e, quando necessário, censurar as ideias que circulam na internet hoje, o debate é bastante acalorado e os participantes das discussões expressam, como já dissemos, também ideias pouco ortodoxas, às vezes críticas ou mesmo hostis ao governo e ao partido. Muitos dos participantes do debate fazem parte da classe média urbana, a que melhor pode explorar os benefícios do crescimento econômico, e cujo apoio é muito importante para garantir estabilidade política ao governo.

O que acontece na *web* mostra uma sociedade cada vez mais diferenciada, ávida por participar e discutir, com parte dela também capaz de questionar o poder central e local quando não está de acordo com suas ações. Grupos de manifestantes com diferentes visões ideológicas aparecem, confrontando até mesmo ideias sobre a ordem política e econômica. Aqueles que expressam opiniões positivas sobre a singularidade e identidade chinesas obviamente desfrutam do apoio explícito do Partido Comunista; ao contrário, os grupos que promovem valores liberais como a democracia e os direitos humanos são criticados pelo governo como demasiadamente *pró-ocidentais* e alguns de seus representantes são julgados ou têm que deixar o país.

Um indicador da variedade de grupos de opinião que se formaram na China nos últimos anos e que são reconhecidos na *web* é oferecido pela pesquisa realizada em 2016 pelo Mercator Institute for China Studies com a ajuda de analistas chineses. A pesquisa baseia-se na análise de uma grande amostra de comunicações trocadas na internet durante o ano (Shi-Kupfer, Ohlberg, Lang, & Lang, 2017). Os resultados permitiram distinguir onze tipos de opiniões, das mais integradas ao sistema de poder, às mais críticas ou de oposição a ele. O interesse da classificação proposta pela investigação reside no fato de que essas tipologias estão presentes com uma consistência evidente, mesmo com diferenças pontuais. É, portanto, um indicador da pluralidade de ideias expressas na *web*, e com as quais o Partido Comunista, como veremos, procura chegar a um acordo, para conter ou censurar o que é considerado desestabilizador da sua liderança. A título de exemplo, relatamos algumas das categorias mais significativas acompanhadas pelo rótulo atribuído a elas na pesquisa:

- Os *Guerreiros do Partido* são aqueles que se identificam completamente com a ideologia do Partido Comunista e do Estado, e defendem a política do governo em todas as suas manifestações; para eles, o *amor pela China* é identificado com o *amor pelo Partido*;

D

China: problemas emergentes

- Os *Defensores da China* apoiam a ação do Partido para fortalecer uma ideologia chinesa e uma linha política coerente; eles também compartilham a crítica aos princípios políticos e econômicos do liberalismo ocidental, considerados como a causa da crise financeira global de 2008 e o desenvolvimento do populismo nos Estados Unidos e na Europa. Este grupo tem uma visão do Partido que poderíamos definir como *utilitarista*, pois o consideram uma garantia da estabilidade. De acordo com essa visão, o atual regime autoritário tem, em comparação com as democracias ocidentais, maiores instrumentos para realizar ações políticas racionais e administrar situações de crise;
- Os *Industrialistas* querem que a China se consolide como uma das protagonistas do mercado mundial; acreditam que o país deve estar preparado para apoiar a concorrência econômica e que o progresso tecnológico é o meio mais importante para alcançar posição de liderança no cenário internacional;
- Os *Tradicionalistas* apreciam o império chinês do passado e rejeitam o conceito ocidental de modernidade, enfatizando que a China deve extrair sua força de sua longa história e singularidade cultural. A crítica da cultura ocidental diz respeito a aspectos como o seu individualismo, a perda de valores representados pela família e o respeito pelos idosos e um declínio geral na moralidade. Este grupo considera o Confucionismo uma importante ferramenta para reforçar uma identidade comum e defender os princípios sociais e políticos chineses;
- Os *Adoradores de Mao* gostariam de cancelar a introdução do capitalismo na China e que o Estado voltasse a dominar a economia. A política de abertura e as reformas desenvolvidas desde os anos 1980 são vistas como a causa do desemprego e da grande desigualdade na distribuição da riqueza e do bem-estar;
- Os *Adoradores do mercado* são os mais próximos dos valores do neoliberalismo ocidental, e gostariam que as vertentes de liberalização do mercado que começaram nos anos de 1980 continuassem. Pensam que as dificuldades atuais da economia chinesa decorrem da presença excessiva do Estado e do papel das empresas públicas na economia; são, portanto, a favor da gestão privada da economia e dos serviços públicos;
- Os *Democratas* são a favor da promoção dos valores democráticos ocidentais, como o universalismo, o pluralismo político e a liberdade pessoal. Os Democratas constituem o maior grupo de dissidentes, eles criticam diretamente a legitimidade da liderança atual e suas ideias representam a principal ameaça para o Partido-Estado Chinês.

Os valores do pluralismo político, das liberdades individuais e da democracia também são bem vistos por outros grupos, como os *Defensores da igualdade*, os *Humanistas* e os *Adoradores dos EUA*. Grupos que compartilham esses valores também são um perigo para a atual administração.

Já em 2013, no entanto, o Comunicado sobre o estado atual da esfera ideológica, um famoso documento da Direção Geral do Comitê Central, indicou com precisão as principais opiniões em circulação na *web*, às quais os militantes do Partido deveriam se opor com o máximo de energia (Document 9, 2013).

As ideias promovidas na *web* que precisavam ser denunciadas como falsas eram, por exemplo:

- A democracia constitucional ocidental: “*uma tentativa de enfraquecer a atual liderança*”;
- Os valores universais dos direitos humanos: “*uma tentativa de enfraquecer os fundamentos teóricos da liderança do Partido*”;
- A sociedade civil: “*um instrumento político das forças ocidentais antichinesas*”;
- O neoliberalismo: “*um esforço liderado pelos EUA para mudar o sistema econômico chinês*”;
- A ideia ocidental de jornalismo: “*um ataque à visão marxista da informação*”.

RETOMAR A INICIATIVA IDEOLÓGICA

Como vimos, o que acontece na rede há muito tem sido monitorado com grande atenção pelo Partido Comunista Chinês; analisar as atitudes da opinião pública serve para apoiá-las tanto quanto possível e, ao mesmo tempo, equipar-se para combatê-las quando representam uma ameaça à estabilidade do país e à liderança do Partido. Em particular, a preocupação com as ideias pró-ocidentais que as novas gerações estão compartilhando parcialmente provocou recentemente uma nova batalha ideológica. A discordância crescente entre os jovens usuários da internet preocupa, e acredita-se que a mídia on-line tenha uma influência indesejada. Após quarenta anos de desenvolvimento contínuo e rápido, as gerações jovens acreditam que, para elas, há menos oportunidades para melhorar suas condições de vida, enquanto enfrentam dificuldades crescentes no trabalho e na vida. O sentimento de alienação que se espalha entre os jovens nascidos nos anos 80 e 90 do século passado deriva de vários fatores; entre os principais, o crescimento exponencial do preço da habitação, a falta de mobilidade social e a dificuldade para se encontrar um parceiro na China de hoje.

D

China: problemas emergentes

Para lidar com essa situação negativa, o Partido primeiro tentou adaptar sua propaganda para alcançar os segmentos mais jovens da população. O primeiro passo foi organizar um grupo de novos especialistas em mídia, capaz de superar o velho jargão da propaganda oficial e usar a *linguagem da web* para contar histórias capazes de ressoar com os usuários mais jovens da rede e ativar *energias positivas* entre eles (Jing, 2019).

O próprio Presidente Xi, em uma reunião realizada no início de 2019, alertou os quadros do partido a examinar mais de perto o risco de discordância política e considerá-lo uma das prioridades, porque poderia levar a uma situação crítica.

A discordância pública tornou-se particularmente perigosa numa época em que a economia está desacelerando e há sinais preocupantes vindo de vários flancos, como os protestos de veteranos do exército (Bukley, 2018; Chan, 2018) ou a mobilização de professores e jovens estudantes universitários marxistas para apoiar os trabalhadores (Sonam, 2018).

As iniciativas para resolver esses problemas seguem várias rotas. Algumas são mais tradicionais: insistir na presença de um inimigo externo, no perigo do cerco hostil por parte de potências estrangeiras, na ameaça de um conflito militar iminente. Ou, ainda, trabalhar para reforçar a identidade coletiva e os valores compartilhados relacionados à história e à tradição cultural da China, o papel do Partido, a liderança que o país conquistou em escala global. Outros caminhos dizem respeito ao lançamento de uma nova ampla batalha ideológica para recuperar a adesão dos jovens aos valores do “socialismo com características chinesas” (Han, 2019); e, depois, há iniciativas muito mais complexas, que pretendem criar instrumentos de observação e controle generalizado do comportamento individual. De qualquer forma, são ações que ressaltam o relevo das dificuldades que a presidência de Xi deve enfrentar e que devem ser observadas com atenção.

O primeiro e mais recente sinal diz respeito ao chamado para reforçar o controle ideológico dos jovens feito por Xi Jinping em um seminário que, no início de 2019, trouxe auxiliares de ensino e professores de toda a China para Pequim (Kuo, 2019). Nas escolas e universidades, os educadores foram instados a intervir sistematicamente para combater o que o Partido Comunista denuncia como *ideias erradas*. Além disso, o presidente afirmou que é necessário fortalecer os cursos de teoria ideológica e política em todos os níveis, desde as escolas primárias até as universidades. É necessário, sobretudo, concentrar a atenção nas posições políticas corretas para que as pessoas que confiam no Partido possam pregar o que acreditam.

De acordo com a diretriz de Xi, a China, a começar pelos mais novos, deve formar gerações de estudantes que apoiem o governo do Partido Comunista e o

sistema socialista chinês. Essas pessoas devem ser capazes de analisar problemas com a perspectiva política correta e distinguir, com clareza, entre o que é certo e o que está errado.

Os responsáveis pela educação dos jovens devem tomar a iniciativa de promover o patriotismo e a rejeitar as ideias e ideologias erradas. Os professores têm o papel fundamental de fortalecer a educação ideológica e política; é sua responsabilidade divulgar a ideologia aprovada pelo Partido. Os estudantes devem ser treinados para nutrir sentimentos patrióticos e confiar no socialismo com características chinesas, de modo a participarem espontaneamente na construção de uma grande nação socialista moderna e na luta para rejuvenescer a nação chinesa. Os professores também devem ser exemplo para os alunos, tanto em seu comportamento público, quanto privado e no uso da *web*. Essas diretrizes, que devem se tornar regras de comportamento em todas as escolas de todos os níveis, foram acompanhadas por uma série de iniciativas para reduzir a presença de *valores ocidentais* nas escolas e universidades; e a primeira medida adotada foi eliminar os livros didáticos que promovem *ideias ocidentais*, como democracia, eleições e direitos humanos universais.

O SISTEMA DE CRÉDITO SOCIAL

A iniciativa que melhor representa as ferramentas desenvolvidas pelo Estado chinês para fortalecer a confiança e a coesão social e reduzir os riscos de desestabilizar a liderança do Partido Comunista e o ainda sólido sistema de poder é chamada de Sistema de Crédito Social. Esse sistema pretende atribuir a cada cidadão uma pontuação pessoal elaborada por um algoritmo concebido para interpretar uma série de dados relativos a ele. O objetivo, em suma, é identificar a *boa conduta*, a *confiabilidade* e a *honestidade* de cada cidadão para encorajar um comportamento positivo e penalizar aqueles que se comportam mal em relação à sociedade e ao Estado. O projeto, iniciado de forma experimental em 2010, foi oficialmente adotado pelo governo em 2014 e levará à definição de uma pontuação para cada cidadão chinês em 2020 (State Council of China, 2014). Um aspecto importante do *Sistema* é o uso pretendido e a disseminação das informações coletadas. Na verdade, a iniciativa deve permitir que todos conheçam o grau de confiabilidade de uma pessoa e de uma empresa; a classificação prevista será usada para dar a possibilidade de uma pessoa obter um empréstimo, ser contratada para um trabalho específico, viajar livremente para o exterior, obter ou ser excluída dos serviços públicos, para acessar lugares, manifestações e eventos. Aqueles que obtiverem uma pontuação maior que certo nível irão obter vantagens, enquanto aqueles que permanecerem abaixo serão

D

China: problemas emergentes

penalizados. Dessa forma, de acordo com declarações oficiais, o Sistema permitirá construir um contexto judicial credível, formará uma opinião pública para a qual ser considerado confiável se tornará um fator de prestígio e fortalecerá a sinceridade sobre os negócios do Governo, no comércio e na sociedade em geral. Outro resultado esperado é a redução da corrupção, fraudes alimentares e o comportamento clientelista de autoridades locais.

A informação sobre como o Sistema de Crédito Social está sendo implementado é baixa e o documento de referência oficial, já mencionado, remonta a 2014 (State Council of China, 2014). A fase experimental ainda não está completa e os resultados terão que ser avaliados antes da passagem para a fase operacional em 2020, de acordo com as previsões. Já funcionando, existem algumas administrações locais e algumas empresas privadas. As iniciativas tomadas pelas administrações locais destacam, sobretudo, o comportamento *público* dos cidadãos, como o respeito pelas regras da coabitação civil ou o comportamento social virtuoso: indo dos limites de velocidade no trânsito à armazenagem dos resíduos domésticos, da frequência escolar das crianças às atividades de voluntariado, assistência para os idosos da família etc.

Em 2017, um artigo publicado na edição britânica da revista *Wired* forneceu alguns esclarecimentos sobre as iniciativas gerenciadas por empresas privadas (Botsman, 2017). Aqui está um resumo dos aspectos mais interessantes. O governo concedeu licença a oito empresas privadas para coletar dados de indivíduos e empresas para estes serem processados com seus próprios algoritmos a fim de definir a pontuação de crédito social daqueles que concordassem em participar da iniciativa. Entre elas, a *Wired* cita duas grandes empresas que estão na vanguarda dos projetos mais famosos. A primeira é a China Rapid Finance, parceira do gigante Tencent, um dos maiores provedores de serviços on-line da China e proprietário do WeChat, o correspondente chinês do Facebook, com mais de 850 milhões de usuários ativos. O outro, o Sesame Credit, é administrado pelo Ant Financial Services Group, uma subsidiária da Alibaba, uma das principais empresas de comércio eletrônico. A Ant presta serviços financeiros e empréstimos para pequenas e médias empresas, entre elas o serviço de pagamento on-line AliPay, o qual é usado não apenas para compras on-line, mas também para pagar hotéis, restaurantes, táxis, ingressos de cinema e qualquer outro tipo de transação cotidiana.

O Sesame também tem acordos com outras plataformas que coletam dados on-line para que, no todo, seja capaz de gerenciar uma enorme quantidade de dados sobre o comportamento dos cidadãos e classificá-los.

Mas como os cidadãos são classificados? O Sesame atribui a cada uma das pessoas envolvidas na iniciativa uma posição no ranking que pode variar

entre 350 e 950 pontos. O algoritmo complexo usado para definir a pontuação não é conhecido, mas os cinco fatores considerados são indicados.

O primeiro diz respeito ao comportamento econômico dos sujeitos envolvidos, como o pagamento regular das contas de luz, telefone e outras. O segundo, ao cumprimento das obrigações contratuais. O terceiro fator refere-se a características pessoais como habitação, família, educação e muito mais. O quarto remete ao comportamento social e às preferências comerciais (compras). O quinto fator, o mais delicado, é o comportamento nas relações interpessoais e seu conteúdo. Por exemplo, comentar positivamente com amigos on-line uma iniciativa do governo local ou nacional, expressar uma atitude positiva em relação à nação, sua cultura, sua história ou expressar a adesão aos valores promovidos pelo Partido Comunista eleva a pontuação. O Alibaba afirma que esses dados são utilizados para elevar o score, enquanto os negativos não são utilizados para rebaixá-lo, mas artigo citado levanta dúvidas dessa afirmação. No entanto, fica claro como o sistema poderia funcionar à plena capacidade após 2020, quando o projeto para a classificação dos cidadãos deverá ser implementado integralmente. Das fontes atualmente disponíveis, no entanto, faltam informações para entender como e quando as várias iniciativas públicas e privadas serão interconectadas, se o conjunto de dados, os algoritmos para tratá-los e as classificações resultantes serão homogêneos para chegar a um sistema interoperável de Crédito Social Nacional.

A possibilidade de que este *Sistema* tenha sido pensado não apenas como uma ferramenta para promover *energias positivas* e melhorar a sociedade, mas também como um poderoso meio de controle, ou possibilidade de, é um assunto atualmente em discussão, e terá uma ressonância crescente na *web* à medida que sua efetivação progride e todos podem verificar seu uso – e possivelmente o abuso – pela liderança no poder. Em conclusão, podemos, no entanto, sublinhar a percepção diferente que o projeto até agora despertou na China e no Ocidente.

No primeiro caso, as pesquisas de opinião chinesas e ocidentais destacam o alto grau de aceitação do projeto pelos cidadãos chineses (Kostka, 2019; Minter, 2019): prevalece a opinião de que o Sistema de Crédito Social pode ser uma ferramenta positiva para melhorar o comportamento dos indivíduos, sua confiabilidade e, de maneira mais geral, a coesão social e a confiança dos chineses em seu país, suas instituições e sua liderança. Ao contrário, a opinião amplamente predominante na mídia ocidental (Kuhnreich, 2018) é que o Sistema de Crédito Social pode ser uma ferramenta poderosa para controlar indivíduos para reduzir, censurar e suprimir opiniões e comportamentos críticos e, em alguns casos, hostis ao Estado, ao Partido Comunista e ao atual governo do país. ■

D

China: problemas emergentes

REFERÊNCIAS

- Botsman, R. (2017, 21 de outubro). Big Data meets Big Brother as China moves to rate its citizens. *Wired UK*. Recuperado de <https://www.wired.co.uk>
- Bukley, C. (2018, 25 de junho). Marching across China, army veterans join ranks of protester. *The New York Times*. Recuperado de <https://www.nytimes.com/>
- Chan, M. (2018, 24 de junho). China military veterans' rally for better welfare ends as armed police move in. *South China Morning Post*. Recuperado de <https://www.scmp.com/>
- Castet, R. (2019, março). Les Ouïgures à l'épreuve du "vivre ensemble" chinois. *Le Monde Diplomatique*. Recuperado de <https://www.monde-diplomatique.fr>
- Conselho de Estado da China (2014). *Planning outline for the construction of a Social Credit System (2014-2020)* (Relatório governamental). Recuperado de <http://bit.ly/2YmOENq>
- Devonshire-Ellis, C. (2018, 21 de agosto). Is Xi under domestic pressure as Belt and Road Initiative criticism intensifies? *Silk Road Briefing*. Recuperado de <https://www.silkroadbriefing.com>
- Document 9: A ChinaFile Translation. How much is a hardline party directive shaping China's current political climate? (2013, 8 de novembro). *ChinaFile*. Recuperado de <http://www.chinafile.com/document-9-chinafile-translation>
- Han, Z. (2019, 8 de abril). Chinese students learn socialist theory via app and website. *Global Times*. Recuperado de <http://www.globaltimes.cn>
- Hart-Landsberg, M. (2018, 10 de outubro). A critical look at China's One Belt, One Road Initiative. *Committee for Abolition of Illegitimate Debt*. Recuperado de <http://www.cadtm.org/>
- Kostka, G. (2019, 21 de março). What do people in China think about 'social credit' monitoring? *Washington Post*. Recuperado de <https://wapo.st/2kpYRG6>
- Kühnreich, K. (2018, 10 de agosto). Social control 4.0? China's Social Credit System. *Eurozine*. Recuperado de <https://www.eurozine.com/>
- Kuo, L. (2019, 22 de janeiro). Xi warns China to maintain political security against "black swans" of economic volatility. *The Guardian*. Recuperado de <https://www.theguardian.com>
- Jing, M. (2019, 31 de janeiro). China's cyber police directs new sites, app developers to promote "positive energy" online. *South China Morning Post*. Recuperado de <https://www.scmp.com/>
- Lam, W. (2012). The Maoist revival and the conservative turn in Chinese politics. *China Perspectives*, 2012(2), 5-15. Recuperado de <http://bit.ly/2ltiqO4>
- Minter, A. (2019, 24 de janeiro). Why Big Brother doesn't bother most Chinese. *BNN Bloomberg*. Recuperado de <https://www.bnnbloomberg.ca>

- Negro, G. (2017). *The internet in China: From infrastructure to a nascent civil society*. Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan.
- Richeri, G. (2013). I media e il WTO in Cina. *Mondo Cinese*, 151(1), 50-61.
- Richeri, G. (2016). Global film market, regional problems. *Global Media and China*, 1(4), 312-330. doi: 10.1177/2059436416681576
- Richeri, G. (2018). L'Internet en Chine, entre Etat et opinion publique. *Les Enjeux de l'Information et de la Communication*, 19(1), 21-33.
- Shi-Kupfer, K., Ohlberg, M., Lang S., & Lang, B. (2017). *Ideas and ideologies competing for China's political future* (Relatório de pesquisa n. 5). Recuperado de <https://www.merics.org/en>
- Sonam, P. (2018, 6 de outubro). No place for real Marxists in Communist China. *The Diplomat*. Recuperado de <https://thediplomat.com/>

Artigo recebido em 26 de maio de 2019 e aprovado em 20 de julho de 2019.